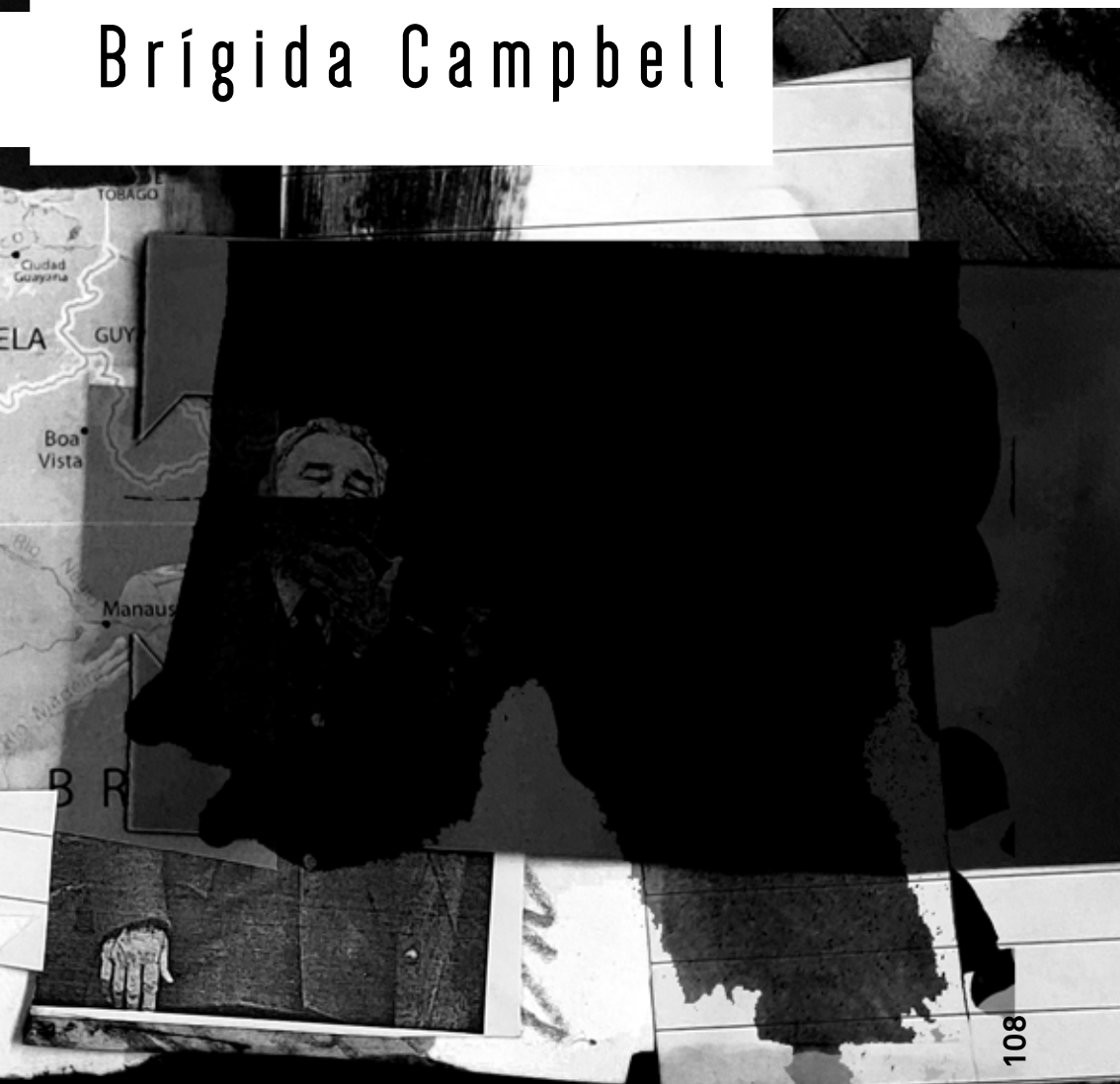


ARTE, UTOPIA E POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA

Brígida Campbell



108

As relações entre arte, política e utopia são inúmeras, já que são conceitos bem amplos e com várias interpretações possíveis. Para começar, podemos pensar no envolvimento da arte com o ativismo político e o seu engajamento com as questões sociais. Quando os artistas tocam as questões sociais nas suas obras direta ou indiretamente, ou quando os artistas participam diretamente de movimentos sociais, de movimentos de militância, e estão, de fato, envolvidos nas questões políticas que estão acontecendo naquele momento. Podemos pensar também na ideia de arte crítica, aquela que não se envolve diretamente com os movimentos sociais, mas representa, reinterpreta e materializa, através das obras, questões de cunho político, apresentando imagens, ações e estruturas que remetem a questões sociais.

Podemos pensar que a política não está somente nas relações diretas com as questões sociais, mas também nas questões relacionadas aos processos de produção sensível, na imaginação, nas maneiras de sentir e perceber, em especial nos dias atuais, quando assistimos a uma padronização nas maneiras de sentir, nas maneiras de pensar, nas maneiras de estar no mundo. Isso acontece de várias maneiras, mas, principalmente, através dos mecanismos de controle das redes sociais, da internet, da cultura audiovisual etc., através das poucas empresas que fazem a gestão do “mundo digital”. Portanto, podemos entender que as nossas sensibilidades acabam sendo controladas, modeladas, permeadas e, infelizmente, conduzidas a uma homogeneização e empobrecimento.

Nesse sentido, a arte tem uma atuação política sempre que apresenta novas formas de se relacionar com os espaços, com as pessoas e com as coisas. Podemos pensar que a arte ensina a liberdade na medida em que tensiona as maneiras como lidamos com as questões da vida, com as questões cotidianas, que também são políticas, trazendo pautas e ampliando debates importantes, apresentando questões que ultrapassam a superfície das coisas, aprofundando entendimentos e percepções através do olhar particular de cada um que vê e se relaciona com as obras de arte.

109

Bom, é claro que essas relações se transformam ao longo da História e dos contextos e há inúmeras possibilidades, a depender de cada artista, obra, grupo ou contexto. Eu, particularmente, gosto de pensar que toda arte é política. Não somente quando atua diretamente com as questões sociais, mas também quando, de alguma maneira, apresenta novos olhares e abre outros canais poéticos e sensíveis para interpretações e criações. Esse é um aspecto bem interessante da arte, ou seja, o fato de que a arte, muitas vezes, não tem uma leitura direta, mas abre possibilidades para múltiplos olhares. Nesse lugar em que o artista não controla as possibilidades de leitura, também existe uma dimensão política, na medida em que permite que as pessoas criem as suas próprias interpretações e ampliem, através de cada observação, o sentido aberto das produções culturais. A arte faz uma espécie de embaralhamento da realidade, quando coloca imagens e questões que nos fazem questionar as coisas.

Um trabalho bem interessante para pensarmos sobre isso, tanto o embaralhamento da realidade quanto o engajamento dos artistas com as questões do seu próprio tempo, é um trabalho bem conhecido do artista Artur Barrio, *Trouxas Ensanguentadas* (1970), realizado durante a Ditadura Militar no Brasil.

Esse trabalho foi realizado em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Constituiu-se em uma ação simples, mas que denunciou e continua denunciando um processo político, de terrorismo de Estado, pelo qual o Brasil passava (e continua passando). O artista montou trouxas, preenchidas com carne, ossos, sangue, material orgânico e dejetos, cortadas a golpes de faca, e as jogou em terrenos baldios do Rio de Janeiro e no Rio Arrudas, o principal rio de Belo Horizonte. O objetivo de Barrio era denunciar a “desova” de corpos de pessoas assassinadas pelo esquadrão da morte, em muitos casos a serviço do regime.

Em torno dessa ação, existiu também uma participação importante da mídia e dos jornais, na medida em que a imprensa esteve presente nesses locais acompanhando a reação das pessoas que passavam, viam as trouxas (que pareciam corpos) e se indignavam. Então, a imprensa também participou e criou uma situação, na qual as pessoas ficavam, realmente, em dúvida se aquilo eram corpos de verdade, ou não.

Com esse trabalho, o artista abordou uma série de violências que estavam acontecendo no país, mas que eram encobertas, muitas vezes, não faladas ou invisibilizadas, as quais ele trouxe para a visibilidade no espaço público. Ele criou essa discussão, e uma possibilidade do trabalho artístico é justamente trazer as questões

que estão emergindo da sociedade, as questões que as pessoas estão pensando e discutindo, dando visibilidade para isso através de um gesto, de uma ação, de um pensamento, de palavras, seja qual linguagem for, materializando, assim, um pensamento.

Esse trabalho de Barrio é emblemático e influenciou muitos artistas. Inclusive, outro trabalho que usa dessa mesma estratégia é uma obra do artista carioca, Ronald Duarte, que tem uma série de trabalhos, que se chama *Guerra é Guerra* (2002-2014), em que também fala da violência, principalmente, da violência policial, no Rio de Janeiro.

Utilizando as mesmas estratégias das *Trouxas Ensanguentadas* de Barrio, Ronald Duarte realizou uma ação, uma intervenção urbana, em que usou barras de gelo com tinta vermelha. Ele enrolou essas barras com um tipo de cobertor muito usado pelos moradores de rua. O artista colocou esse cobertor no espaço público, como se uma pessoa estivesse dormindo ali. Na medida em que o gelo derretia, o sangue, a tinta vermelha, começava a escorrer dando a entender que a pessoa por debaixo do cobertor estava morta.

Ronald Duarte também fez, dentro dessa mesma série, um trabalho em Santa Tereza, no Rio, com um caminhão pipa, usando mais uma vez o pigmento vermelho, em que ele “lavava” as ruas com sangue. A obra *O que rola VC VÊ* (2001) é um trabalho bem forte e direto para falar de uma maneira quase literal, sobre esse rio de sangue que corre nas nossas cidades e que, infelizmente, estamos presenciando todos os dias em nosso cotidiano.

Nessa mesma linha de crítica ao terrorismo de Estado, um grupo bem interessante é o GAC, Grupo de Arte Callejero, de Buenos Aires, formado por filhos e amigos de pessoas desaparecidas durante a Ditadura argentina. Em um de seus trabalhos do início dos anos 2000, ocupam o espaço público, dando visibilidade a uma dimensão, às vezes, esquecida ou escondida sobre a Ditadura na Argentina. O trabalho se chama *Aqui Vivem Genocidas* (2001).

Nesse trabalho, os artistas do GAC ocupam o espaço público com uma série de cartazes, panfletos e placas, que demarcam os lugares onde alguns ex-torturadores vivem. Eles têm um mapa da cidade e apontam nele onde essas pessoas moram. Muitas vezes, vão até a frente da casa dessas pessoas e fazem protestos, escrachos, pintam no chão, paredes e realizam performances em frente ao local, criam ações para mostrar como muitos crimes da Ditadura continuam impunes.

Quando pensamos em arte e política, ocupar o espaço público se converte em uma estratégia muito eficaz, porque a política tem muito a ver com as formas de se relacionar. A política está sempre em uma relação social, nas relações de poder, está sempre nas negociações cotidianas que temos de fazer. Nesse sentido, a cidade acaba sendo um espaço privilegiado de discussão, para trazer essas questões à tona, para dar visibilidade a elas. A política tem sempre muito a ver com visibilidade: o que podemos ver, o que podemos sentir, o que podemos pensar sobre as coisas.

Também podemos entender a cidade, o espaço público, como lugar privilegiado para essas discussões. A cidade, por suas características múltiplas, por suas dinâmicas, se configura um espaço onde, de fato, as questões políticas e econômicas atuam de maneira mais concreta, e acaba sendo também esse lugar, esse caldeirão que fervilha as ações, que fervilha as questões sociais.

Assim, o trabalho dos coletivos, dos grupos de artistas, também emerge desse lugar, porque as práticas coletivas são todas favorecidas nos espaços públicos, principalmente, nas cidades grandes, que é, de alguma maneira, também uma forma de dissolver alguns mitos em torno do artista, essa ideia do artista gênio, ou do artista individualista e egocentrado. Essas questões acabam se dissolvendo na medida em que trabalhamos coletivamente. Não há uma autoria única. Não há um processo criativo que pode ser entendido como de uma pessoa, mas, pelo contrário, é o processo de uma coletividade que se abre para uma outra coletividade.

A cidade é mesmo esse lugar privilegiado, e nós podemos entender a cidade como as ruas, as calçadas, os parques, as casas, sua fisicalidade, sua materialidade, mas também como esse outro espaço discursivo, esse espaço de circulação de ideias e propostas, que, não se materializam apenas na fisicalidade das ruas, mas também nas subjetividades que as atravessam.

Nesse sentido, um trabalho um pouco mais antigo, mas bastante interessante para nos inspirar a compreender essas relações, é a *Experiência n. 3* (1956) de Flávio de Carvalho, no qual a partir de um convite para criar uma roupa masculina, o artista faz uma proposta, que, na época, já era bastante controversa, porque ele criou um conjunto que continha uma saia e uma camisa de mangas bufantes. Uma roupa que não era exatamente masculina, ou pelo menos não era o que se esperava de uma roupa masculina para a época. Ele sai pelas ruas da cidade, andando com essas roupas, e impressiona a população.

Interessante pensar que já nessa época, Flávio de Carvalho estava pautando algumas questões muito presentes nos debates atuais: as questões de gênero, as roupas e seus estereótipos, as diferenças entre o masculino e o feminino e sobre a fluidez dos sexos representada através da moda. É interessante ver como esses debates vêm sendo construídos ao longo dos anos e também como, muito antes, o artista já estava pautando essa temática, e escolheu trazer essa discussão para o espaço da rua, o espaço da cidade para dar visibilidade às questões que ele propunha.

Eu gosto muito de pensar as obras de arte como um dispositivo, que dispara certos debates sobre várias áreas da nossa vida. Como a partir de um trabalho de arte, de uma ação, nós discutimos várias coisas. Nas cidades também existem esses sistemas de circulação de ideias, de propostas, de gente, de pessoas mesmo, que estão fisicamente circulando, mas, também, de diversos imaginários que pairam no ar. Flávio de Carvalho se apropria muito dessa ideia, de como as pessoas trazem algo em seus corpos e no simples ato de caminhar pela cidade vão construindo uma cultura, construindo ideias e imaginações, ressignificando espaços e modos de existir.

No contexto dessa ideia de circulação, outro trabalho emblemático são as *Inserções em Circuitos Ideológicos*, de Cildo Meireles. É um trabalho lindo, porque ele se apropria dos sistemas de circulação populares de informações na cidade.

O trabalho acontece de duas maneiras: *Projeto Coca-Cola* (1970) e outra com o *Projeto Cédulas* (1970/1976). O *Projeto Cédulas* acontece nas notas de dinheiro. Cildo percebeu que existe uma espécie de corrente, em que as pessoas assinam e escrevem coisas nas notas. Ele se apropria desse sistema de intervenção no dinheiro, e carimba nele informações críticas sobre a Ditadura, ou sobre as questões políticas da época, criando um novo sistema de circulação, na medida em que as pessoas que recebem as notas, colocam, de novo, essas mesmas notas em circulação.

Mais recentemente, ele refez esse trabalho, a partir do assassinato, pela polícia do Rio de Janeiro, de Amarildo, trazendo novamente essa intervenção nas notas de dinheiro, utilizando esses sistemas de circulação e apontando a atualidade desse debate.

O trabalho também acontecia com garrafas de Coca-Cola, que, na época, eram de vidro e retornáveis. A Coca-Cola tem vidro transparente e o rótulo é impresso em branco. Com isso, ele se apropria de garrafas vazias, imprime as mensagens em branco e as devolve para

circulação. Nas garrafas vazias quase não se pode ler o que está escrito, mas, na medida em que são preenchidas de Coca-Cola, cria-se um contraste que possibilita ler as mensagens. O trabalho passa então a ocupar espaços antes não imaginados e, contando com uma certa aleatoriedade, pode chegar a lares e pessoas muito diversas, inserindo a obra de arte e, por consequência, o pensamento crítico, onde menos se espera.

Essas formas de circulação da informação são muito interessantes e são um lugar privilegiado para os artistas criarem intervenções. Se pensarmos nesse sistema de circulação reconhecido por Cildo e também em todas as mensagens que estão impressas no espaço público, nas publicidades, nas placas, nos cartazes, nos folhetos que recebemos, e como tudo isso cria uma espécie de um fluxo de pensamento, um fluxo econômico, um fluxo político, podemos perceber como essas intervenções criam rupturas e mensagens que geram fissuras na compreensão dessas coisas. Porque quando andamos pela cidade, normalmente estamos nos locomovendo de um lugar para outro e não estamos muito preocupados em viver uma experiência artística ali, mas quando recebemos um panfleto, ou quando nos deparamos com uma Coca-Cola de Cildo, uma nota, ou poemas nas ruas, mesmo os pixos, esses elementos provocam uma intervenção naquilo que é facilmente reconhecível, que acaba gerando essa nova percepção e, ao mesmo tempo, uma espécie de parada que nos posiciona naquele momento presente, para entender (ou não) aquilo, criando, assim, uma abertura coletiva e pública para as discussões que as obras pretendem abordar.

A dimensão coletiva dessas obras que estamos apresentando é importante para entender as relações entre arte e política, pois ela passa por uma vontade de construir algo que também esteja fora dos interesses individuais, algo maior.

Isso é importante para pensarmos nos coletivos de artistas que foram constituídos, principalmente, a partir do final dos anos 1990, e que, ainda hoje, surgem a todo momento, na medida em que as pessoas querem se reunir para se manifestar, atuar poeticamente dentro do campo político da cidade ou das relações humanas, ou mesmo para compartilhar o ato da criação e os processos de imaginação e criatividade.

Eu acho muito interessante pensar nesses trabalhos, tanto os coletivos quanto os trabalhos individuais, mas que são direcionados ao coletivo, como trabalhos que buscam trazer outras experiências

da realidade, ou desconstruir certos modos de ver, como eles também vão se relacionar com outras áreas do conhecimento, criando ações e obras porosas.

É muito rico entender que a arte não é um lugar estanque de produção de conhecimento, ou de fruição estética, mas é o lugar de um verdadeiro debate entre várias áreas. Nesse sentido, podemos olhar o trabalho da dupla argentina Iconoclastas, de Buenos Aires, que realiza um trabalho muito lindo com oficinas de mapeamento coletivo.

Eles ensinam as pessoas a fazerem mapeamento e, ao mesmo tempo, fornecem material gráfico para as pessoas fazerem as suas próprias intervenções no espaço público. É um trabalho que mistura um pouco de arte, de movimento social, arquitetura e urbanismo, e outras formas de ocupar a cidade e a esfera pública. Assim, eles vão mapeando grupos e situações, principalmente na América Latina. Eles mapeiam as estruturas de poder presentes nas cidades, criam e produzem cartilhas e materiais gráficos, que balizam ações de muitos coletivos e pessoas que estão, de fato, envolvidas com os movimentos que criam intervenções diretas na realidade. Os mapeamentos dão forma e trazem para a visualidade gráfica, visual, muitas informações soltas que, organizadas, passam a fazer sentido e orientar futuras ações.

Nessa mesma linha, podemos pensar no trabalho da Frente 3 de Fevereiro, um coletivo de São Paulo, que também atua na interseção entre várias áreas do conhecimento. Eles são um grupo artístico que surgiu a partir do assassinato de um de seus amigos, um jovem negro, morto pela polícia. Por isso, foi um coletivo formado, principalmente, para questionar a violência policial e o racismo.

Esse coletivo tem trabalhos nos quais demarcam, no espaço público, áreas, onde pessoas foram assassinadas denunciando assim o racismo policial. Também fazem trabalhos de mapeamento, numa estratégia parecida com a do Iconoclastas. Mapeiam, por exemplo, na cidade de São Paulo, onde e como morrem pessoas negras, onde elas vivem etc. e, assim, nos materiais produzidos pela Frente 3 de Fevereiro, muitas vezes, percebemos que os negros estão mais nas periferias, que são em grande medida mortos pela violência policial, que eles têm menos escolaridade etc., pois, graficamente, podemos compreender melhor como as desigualdades sociais marcam nossa realidade social e geográfica. Os artistas criam artificios gráficos e

visuais que, de fato, materializam essa desigualdade abordada e discutida por eles, que está presente em seus trabalhos e que ainda se expande em performances, ações diretas, livros, música, espetáculo etc.

No espetáculo *O Zumbi Somos Nós* (2007), há performances musicais, saraus de poesia, onde se encontram músicos, arquitetos, advogados, atores etc., todos construindo juntos um ambiente estético, sensível, imaginativo, para debater as questões que eles querem discutir, que é uma questão muito atual, muito pertinente, e fundamental para entendermos a nossa identidade brasileira, a nossa identidade latina e toda nossa História.

Eles realizaram um trabalho emblemático durante jogos de futebol, em que abriram grandes bandeiras nas torcidas. São obras feitas a partir de situações reais, nesse caso, uma situação de racismo que um jogador viveu no campo e que, infelizmente, acontece toda hora. Assim, eles criam essa ação de intervenção, uma ação que acontece no estádio, mas também como intervenção midiática. Os canais de televisão filmaram essas bandeiras e transmitiram ao vivo em rede nacional. As grandes bandeiras, dizem: “Onde estão os negros?”, “Brasil negro salve” e “Zumbi somos nós”.

Esses trabalhos que eu apresentei, tensionam esse lugar do artista, constroem outros lugares de diálogo e criam debates. Eu acho muito importante a ideia de pensar a arte como espaço de reflexão. Reflexão de vários assuntos, reflexão sobre as maneiras de viver e ocupar os espaços.

No caso latino-americano, a arte tem um papel fundamental na construção de nossa identidade. Todos os trabalhos mostrados aqui têm, no fundo, o desejo de uma construção de uma sociedade diferente, daí parte o desejo utópico dessa construção de um novo lugar, de uma nova organização política.

Como latino-americanos, historicamente, somos um povo muito novo e com diversos desafios na construção da nossa própria identidade e da nossa democracia, uma vez que fomos “criados” a partir de uma colonização violenta que deixou feridas abertas até hoje. Em outras aulas deste mesmo curso vocês verão essa discussão. Como nós, por exemplo, adotamos esse nome, América Latina, um nome que homenageia o explorador, mas paradoxalmente pode ser entendido como uma forma de resistência e uma maneira de ressignificar toda a nossa História.

Todos esses trabalhos de arte, no meu modo de perceber, ajudam na construção do que é a nossa identidade e, principalmente, apontam caminhos possíveis sobre quais são os próximos passos que queremos dar, quais são as próximas mudanças que queremos construir na sociedade. Pensando tanto do ponto de vista político, de mudanças sociais concretas, mas também do ponto de vista da imaginação, do ponto de vista da criação de um outro lugar de estar, de uma outra identidade menos colonizada, menos capitalizada e menos controlada. Algo que emerge dessa mistura de tempos, desejos e reflexões.

Nessas questões abordadas reside a importância de entender o lugar que a arte ocupa e como ela vai se transformando ao longo dos tempos, como podemos ir criando esse looping entre passado, presente e futuro com a intenção de construir uma América Latina mais justa, se posicionando de maneira diferente em relação ao mundo e às questões que estão à nossa frente. Sonhando, planejando e atuando na realidade.

Era isso que eu queria trazer, hoje, para vocês. Claro que é uma discussão muito maior, mas fica aberta para aprofundamento. Muito obrigada!